



Palavras - chave:
Cultura; Desenvolvimento;
Economia; Imigração; História
Regional.

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar aspectos relacionados à cultura, religiosidade, bem como aspectos sociais e econômicos dos imigrantes menonitas na colônia Witmarsum, situada na cidade de Palmeira/PR. Prioriza-se o ano de 1951, correspondente à formação da colônia. Com base em entrevistas realizadas com um descendente e um imigrante desse grupo de menonitas, e também em imagens relacionadas à formação da colônia e pesquisa bibliográfica, buscar-se-á entender como ocorreu a adaptação desses imigrantes na região. Essas famílias, portadoras de valores, de culturas, de um estilo de vida, adaptaram-se a um novo ambiente no qual construíram um espaço social e econômico responsável pelo desenvolvimento da colônia.

A IMIGRAÇÃO MENONITA NA COLÔNIA WITMARSUM: A FORMAÇÃO DA COLÔNIA A PARTIR DE 1951

Grasiele Kapp Ewert ¹

Samanta Hass Karas ²

Roberto Edgar Lamb ³

INTRODUÇÃO

Neste artigo propomos investigar o processo de formação de uma colônia na cidade de Palmeira/PR, local que anteriormente foi sede de uma fazenda chamada Cancela, mais tarde denominada Witmarsum. Essa colonização iniciou-se em 1951, por imigrantes menonitas vindos do estado de Santa Catarina. A proposta do trabalho é discutir aspectos relacionados à adaptação desses imigrantes, no que se refere a sua cultura, à religiosidade, como também aspectos sociais e econômicos.

A escolha do objeto de estudo deve-se a importância da cultura menonita e sua contribuição para a sociedade paranaense. Daí a intenção de pesquisar as circunstâncias de sua instalação na localidade e as dificuldades para o desenvolvimento no campo social e econômico. O fato desses imigrantes menonitas terem mantido, mesmo após 60 anos, a língua de origem, também contribuir para estimular o interesse em conhecer e historicizar essa colonização.

Para a pesquisa histórica utilizamos um depoimento oral concedido por um imigrante menonita, o qual vivenciou o período de transição do estado de Santa Catarina para o Paraná: o senhor Wilhelm Koop³. Também foi produzido o depoimento do senhor Heinz Egon Philippsen⁴, um descendente de uma das famílias que vieram durante o período relatado. Nesse aspecto documental, é preciso salientar que o depoente Koop constrói sua narrativa histórica a partir da memória pessoal de sua própria vivência da imigração. Já o depoente Philippsen é portador da memória que seus antepassados transmitiram. Sobre a experiência do vivido, Sandra Jatavy Pesavento relata:

Ali, no momento de reconstruir pela evocação e de traduzir pela linguagem o vivido, se situa o processo de reconfiguração temporal. Passado e presente, indivíduo e social, lembrado e esquecido, silêncio e voz, lacuna e repetição se juntam, se opõem e se defrontam, em um laboratório de sentido (PESAVENTO, 2006, p. 6).

Philippsen é um guardião da história, descendente de uma das famílias que contribuíram para a colonização de Witmarsum. Através da história que foi relatada a ele, por sua família e também por integrantes do grupo que

1 Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/Universidade Aberta do Brasil (2012). Email: grasikapp@yahoo.com.br

2 Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/Universidade Aberta do Brasil (2012). Email: samantahkaras@yahoo.com.br

3 Orientador. Doutor em História pela PUC/SP, professor do Depto. História e do Programa de Mestrado em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

4 Imigrante menonita nascido no ano de 1927 na Rússia. Veio para o Brasil ainda menino com seus familiares, fugindo da Segunda Guerra Mundial. Primeiramente seguiu para o estado de Santa Catarina e no ano de 1951 migrou para a região de Palmeira, mais precisamente para a colônia Witmarsum.

5 Descendente de imigrantes menonitas vindos do estado de Santa Catarina. Nasceu na colônia Witmarsum e hoje trabalha com palestras no museu da colônia, antiga sede da Fazenda Cancela atendendo grupos de turistas e estudantes.

veio para o Paraná no ano de 1951, ele reconstrói todo o desenvolvimento pelo qual a colônia passou. O guardião ou o mediador se torna um narrador privilegiado da história do seu grupo. Nesse aspecto Angela de Castro Gomes aborda que:

O guardião ou o mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um “narrador privilegiado” da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda / possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória. Os “objetos de memória” são eminentemente bens simbólicos que contêm a trajetória e a afetividade do grupo. Sejam documentos, fotos, filmes, móveis, pertences pessoais, etc., tudo tem em comum o fato de dar sentido pleno, de “fazer viver” em termos profundos o próprio grupo (GOMES, 1996, p. 7).

Com relação aos elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, Michael Pollak ressalta que:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (POLLAK, 1992, p. 2).

Já Koop se tornou a peça chave dessa pesquisa, através da maneira como relata o passado, ficando evidente que o mesmo testemunhou a saída dos imigrantes menonitas do estado de Santa Catarina e a chegada no estado do Paraná. Sobre o estado de Santa Catarina, observando um conjunto de fotografias durante a entrevista, relata:

Esta foto aqui é em Santa Catarina. Onde nós moramos, teve certo “chuncho”, eram para nós termos ido para uma terra onde diziam que era muito boa. Mas esse morro que eu mencionei anteriormente, o morro Dona Emma, tinha 800 metros de altura. Não conseguiam vender. Nós éramos gente que não tinha nada, éramos iguais aos sem terra, pior que sem terra, nem pátria nós tínhamos, pois, nos nossos documentos estava escrito sem nacionalidade. E o que nós podíamos fazer? Nós tivemos que ir para lá (KOOP, 2012, p. 4).

Segundo SANTOS, “a fotografia de grupos fa-

miliares, assim como de outros grupos, constitui-se em um meio imagético para disseminar discursos e ressaltar relações sociais que ali ficaram congeladas no instante retratado” (SANTOS, 2009, p. 148).

Sendo assim, é possível através das fotos estabelecer relações entre a descrição e memória de acontecimentos passados e as imagens. Philippsen constrói uma narrativa histórica baseada em relatos de seus antepassados, isto é através da memória de outros indivíduos⁶. Sobre a memória PESAVENTO aborda que:

Também se situa de forma análoga, pois constrói laços de pertencimento e amarramento dos indivíduos ao seu passado. A memória, no caso, patrimonializa as lembranças, levando os grupos à coesão social e a uma comunidade simbólica de sentido partilhada. Cria identidades, enfim, atividades de referência imaginária que situam os indivíduos no mundo. Construídas. Inventadas sem serem necessariamente falsas (PESAVENTO, 2006, p. 6).

Sendo assim, a memória faz com que se retorne o passado buscando uma história não só individual como coletiva, pois quem rememora traz uma experiência do vivido, as marcas do passado.

Além de ter examinado essas duas fontes, servimo-nos também de imagens disponíveis na obra *Witmarsum em Quatro Décadas. In Vier Jahrzehnten* (COOPERATIVA MISTA AGROPECUÁRIA LTDA, 1991) que possibilitaram uma análise comparativa (em relação aos relatos) de aspectos sociais, econômicos (equipamentos utilizados nas primeiras plantações de arroz, trigo, milho, trigo preto, aipim, melancia), religiosos (a imagem da igreja que simboliza a religião, fator importante na vida dos imigrantes menonitas), a imagem da sede da Fazenda Cancela para ilustrar o início da formação da colônia e as mudanças ocorridas, e a imagem da primeira casa construída por esses imigrantes.

Sobre a colônia Witmarsum, Altiva Pilatti Balhana e Brasil Pinheiro Machado apresentam algumas considerações importantes (BALHANA; MACHADO, 1968). Balhana aborda temas como a formação da colônia e a organização da comunidade (BALHANA; MACHADO, 1968, p. 55-88). Galbas Milléo e Altiva Pillati Balhana analisam características relacionadas ao trabalho coletivo, à religião, organização da família e padrões de relacionamentos, com relação a visitas de residentes fora da colônia como também publicações de jornais e revistas recebidas de várias procedências (BALHANA; MA-

6 Durante o depoimento o senhor Heinz Egon Philippsen refere-se aos seus antepassados como os pais e os avós os quais migraram do estado de Santa Catarina para Witmarsum, na região de Palmeira.

CHADO, 1968, p. 177-200). Herbert Minich analisa os antecedentes dos imigrantes menonitas, a organização da Igreja Menonita, entidades e atividades das congregações reunidas, o calendário religioso, a filiação religiosa em Witmarsum e também o mesmo faz uma relação das diferenças na vida religiosa dos menonitas na Rússia com a que eles levam no Brasil (BALHANA; MACHADO, 1968, p. 153-176). Cecília Maria Westphalen, por sua vez, analisa a organização econômica.

A bibliografia consultada ampliou as possibilidades de compreensão do tema pesquisado, pois as obras abordam temas sobre a imigração, a memória, fontes orais, como também análise de imagens. Entre os autores que trabalham com temas relacionados à imigração destacam-se: Valdir Gregory, que trabalha com a colonização de imigrantes no sul do Brasil, mais precisamente no oeste do Paraná (GREGORY, 2008). Wanderley Machado, trabalha com a importância cultural do legado dos imigrantes, abordando características relacionadas à arquitetura, a culinária e as festas, não só características de imigrantes alemães como também italianos e poloneses. O autor traz em sua obra aspectos ligados ao trabalho mútuo, a conquista e a vontade de prosperar acima de tudo, sem nunca perder as raízes de sua origem (MACHADO, 2005). Giralda Seyferth analisa aspectos sobre a imigração no sul do Brasil, bem como valores culturais de grupos étnicos como alemães, italianos, poloneses e japoneses (SEYFERTH, 1990).

Para a construção desse artigo foram utilizados textos de autores que trabalham com a memória histórica e fontes orais, como o trabalho de Angela de Castro Gomes (1996, p. 17-30), Sandra Jatamy Pesavento (2006, p. 6) e Michael Pollak (1992, p. 200-212). Utilizamos o artigo que resultou da dissertação de mestrado de Francieli Lunelli Santos, que estuda as representações da figura feminina nos retratos de família em Ponta Grossa, construindo interpretações não apenas para a mulher, mas também para os grupos familiares (2009, p. 146-167).

A ideia básica para a compreensão da trajetória desses imigrantes menonitas é analisar essas fontes contextualizando junto à bibliografia, que permite fazer uma ligação entre o aspecto vivenciado pelo imigrante e o contexto regional e nacional. Nosso objetivo será relatar como se deu o desenvolvimento da colônia de Witmarsum pelos imigrantes

menonitas através das fontes orais, analisando o contexto regional de sua adaptação.

Os menonitas

Antes de expor a trajetória dos menonitas do estado de Santa Catarina para Palmeira no estado do Paraná, é fundamental compreender a origem desses imigrantes que vieram para o Brasil, vítimas de perseguições políticas e religiosas. MINICH (1968) ressalta que os menonitas são de origem anabatista.

“Todos os menonitas do mundo têm sua origem no movimento anabatista da época da Reforma. Esse movimento sócio-religioso desenvolveu-se simultaneamente nas regiões da Suíça e da Alemanha do Sul, bem como nas províncias hoje chamadas de Países Baixos” (MINICH, 1968, p. 153). “O termo “Menonita” originou-se de Menno Simons ex-sacerdote católico que se uniu aos anabatistas da Holanda” (WITMARSUM 50 anos no Paraná, 2011, p. 1). Esse movimento pregava o batismo de adultos. Segundo essa tradição, a pessoa entra para a comunidade após ser batizada aos 15 anos, idade em que, segundo os menonitas, a pessoa já é capaz de fazer escolhas próprias.

Com relação à imigração, envolvendo os momentos de perseguições pelos quais os menonitas sofreram na Holanda, MINICH ressalta:

Uma vez que as Igrejas Protestantes daquela época eram “igrejas de Estado”, o princípio da separação da Igreja do Estado, defendido pelos menonitas, não foi apreciado nem pelos católicos, nem pelos protestantes. Desta maneira, os membros do movimento anabatista foram perseguidos e condenados à morte, tanto por católicos, como por protestantes. Face a essa perseguição, ainda nos meados do século XVI, alguns anabatistas menonitas, emigraram da Holanda para o delta do Vistula, na região de Dantzig, a fim de encontrar liberdade religiosa e paz (MINICH, p. 154).

Quando os imigrantes menonitas chegaram ao Brasil fixaram-se no vale do Krauel, em 1930, numa região chamada Witmarsum no estado de Santa Catarina⁷. Porém as condições impróprias de terrenos acidentados, que não proporcionava desenvolvimento econômico pelo qual almejavam, e as difíceis condições de lá se manterem, fizeram com que esses imigrantes buscassem novas terras. Nesse sentido Giralda Seyferth aborda que:

7 Colônia fundada por menonitas em 1930, no vale do Rio Krauel em Santa Catarina. Mesmo tendo sido abandonado pelos menonitas há 40 anos, o lugar até hoje é conhecido como Witmarsum (COOPERATIVA, 1991. p. 8).

Os imigrantes tiveram de se adaptar a um meio ambiente completamente diferente, sem as necessárias informações sobre as dificuldades que enfrentariam nas áreas coloniais. O desconhecimento sobre o Sul do Brasil era total e a maioria dos imigrantes vinha iludida quanto ao tipo de vida que iria encontrar. A propaganda falsificou bastante as condições climáticas e geográficas, apresentando o Sul como algo semelhante à Europa. Só que os imigrantes foram assentados nas áreas de floresta subtropical do Rio Grande do Sul e Santa Catarina que, embora tenham um período de inverno bem marcado, com temperaturas baixas, no verão enfrentam temperaturas superiores a 35° centígrados. Só no planalto paranaense as condições são outras; mas a imigração para o Paraná foi posterior (SEYFERTH, 1990, p. 29).

PHILIPPSEN (2012, p. 1) descendente de imigrantes menonitas que chegaram em Santa Catarina, no ano 1930, relatou durante o depoimento que estes receberam ajuda de pessoas que já se encontravam em Santa Catarina, referidos por ele como “os bugres”⁸.

Então tiveram que aprender com os bugres, o pessoal já de Santa Catarina, o que eles estavam fazendo, o que eles estavam plantando, tiveram que aprender. Não conheciam mandioca, plantação de milho, feijão nem pensar, toda alimentação mudou. Língua diferente, país diferente, mas saíram vivos, pois tinha muitos que ficaram para traz na Rússia e não tiveram essa chance. Através de muito trabalho, naquelas matas em Santa Catarina até se produzia alguma coisa, porque o mato você derrubando tem matéria orgânica tem folhas que caem das árvores e depois de cinco a seis anos aquilo virou só areia, não estava sendo reposto e nem adubado (PHILIPPSEN, 2012, p. 1).

Dentre as dificuldades enfrentadas por esses imigrantes figuravam: o clima, com o qual estavam pouco habituados, ainda que o frio da Rússia era intenso comparado com o de Santa Catarina. Na Rússia, o frio era um fator favorável e os terrenos planos eram ideais para o cultivo do trigo. Ao chegarem ao estado de Santa Catarina se depararam com o clima subtropical e a região montanhosa, onde se tornou inviável o cultivo do cereal. Para dar início ao desbravamento dessas terras os imigrantes utilizaram ferramentas rudimentares. A esse respeito Valdir Gregory aborda que: “A produção agrícola, a criação e as demais atividades dos colonos exigiam uma relação com diversos instrumentos de trabalho. As ferramentas essenciais na colônia, além das usadas para construir, eram o arado, a enxada, podão, a semeadeira manual, foice, o facão, o macha-

do” (GREGORY, 2008, 197).

A fotografia 01 apresenta os imigrantes menonitas no Rio Krauel, no estado de Santa Catarina. Apresenta as dificuldades que esses imigrantes enfrentaram, pois, tiveram que desmatar áreas para



Fotografia 1 – Colonos no rio Krauel, s/d

Fonte: Hanseatische kolonisations-gesellschaft. die hanseatischen kolonien im staate Santa Catharina, brasilien, zur auskunfterteilung an auswanderungslustige. veröffentlichung der hanseatischen kolonisations-gesellschaft. hamburg, Bremen, 1927, p. 18.

No início, os imigrantes menonitas desenvolveram a agricultura de subsistência, cultivando as plantações de feijão, arroz, milho, batata-doce, melancia e mandioca. Sobre o cultivo de melancia e da mandioca Koop, observando a fotografia 02, comenta o seguinte:

Olhem esta foto. Como são bonitas as crianças comendo melancia. Cultivavam também o aipim e muita coisa de Santa Catarina, mas lá a principal cultura era o aipim⁹. Eles faziam fécula de mandioca, depois vendiam na pequena cooperativa (KOOP, 2012, p. 6).



Fotografia 2 - As primeiras plantações que geraram dinheiro foram as plantações de melancia. s.d.

Fonte: Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda. Witmarsum em quatro décadas in vier jahrzehnten 1951-1991. Castro: Kugler, 1991. p. 16

⁸ Este vocábulo passou a ser aplicado, também para denotar o indígena, no sentido de “inculto”, “selvático”, “estrangeiro”, “pagão”, e “não cristão” - uma noção de forte valor pejorativo, portanto. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Bugre. Acesso em 20 out. 2012.

⁹ Chamada de aipim (no sudeste), ou macaxeira (no norte e nordeste), é consumida como os demais tubérculos, cozida, frita, em purês e em doces. Disponível em: www.mao.org.br/fotos/pdf/biblioteca/pinto_01.pdf. Acesso em: 17 de out. 2012.

Além dessas dificuldades tiveram que se adaptar a um meio ambiente diferente e uma nova língua (o português). Ainda sobre a adaptação SEYFERTH (p. 57) explica que:

Por outro lado, houve aceitação por parte dos imigrantes de valores culturais brasileiros, principalmente dos aspectos relacionados a adaptação ao meio ambiente, a necessidade de utilização do idioma português, aos efeitos dos meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, etc.

Devido a todas essas circunstâncias, em 1951 esses imigrantes encontraram um local favorável para fundar a nova colônia. Imigrantes desse mesmo grupo que se instalaram em Witmarsum, haviam se instalado em Curitiba anteriormente, obtendo a informação da venda da fazenda Cancela na região dos Campos Gerais. Entraram em contato com o grupo que ainda estava no estado de Santa Catarina. Sobre esse aspecto Philippsen afirma durante a entrevista que:

Entraram em contato com o pessoal que já estava em Curitiba com o qual já havia parentesco. Surgiu a notícia em um jornal de Curitiba, um anúncio da venda da Fazenda Cancela. Esta fazenda pertencia a um senador chamado Roberto Glasser. Alguns menonitas lá de Curitiba viram isto e avisaram: Tem uma fazenda a venda, venham para cá dar uma olhada. Vieram de caminhão alguns senhores e gostaram. Não tinha árvore para derrubar, já era um ótimo negócio, campos abertos, terra preta, parece aquela terra lá da Rússia, parecida, não é igual. Isso eles notaram depois, a terra da Rússia é muito fértil, muito gorda e é preta, bem escura ótima para o cultivo do trigo. Aqui nosso solo é turvo, é residual de campos que estão apodrecendo e ele não está totalmente decomposto, é muito ácido. Então plantar o trigo nem pensar. Mas eles acharam interessante esses Campos Gerais, negociaram com o senador, conseguiram créditos junto com os menonitas dos EUA um grupo que tem lá. Esse grupo enviou alguns dólares para cá, com o qual conseguiram pagar a entrada. Foram vendendo o que tinham em Santa Catarina e foram dissolvendo com isso lá. Essa mudança começou com a compra feita em 1951 (PHILLIPSEN, 2012, p. 2).

Esse lugar chamava-se Fazenda Cancela, a qual pertencia ao senador Roberto Glasser. Esses imigrantes menonitas contaram com a ajuda de “menonitas da América do Norte” (COOPERATIVA, p. 6),¹⁰ através de empréstimos para que fosse possível a compra da fazenda. Esta deu origem a uma nova colônia com o mesmo nome da situada no estado de Santa Catarina, Witmarsum¹¹. Os primeiros co-

lonos que vieram para Witmarsum após a compra da fazenda Cancela adaptaram suas instalações para darem início a uma nova vida.



Fotografia 3 – A sede da fazenda Cancela possibilitou a imediata instalação de estabelecimentos comunitários, s/d.

Fonte: Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda. Witmarsum em quatro décadas in vier jahrzehnten 1951-1991. Castro: Kugler, 1991, p. 11.

Segundo a descrição da imagem (Fotografia 03) disponível na obra *Witmarsum em Quatro Décadas In Vier Jahrzehnten 1951-1991*, consta nessa imagem os seguintes elementos:

Na frente, à direita: a cocheira, que foi transformada num salão múltiplo para cultos, assembléias e festas em geral. À esquerda foram instaladas as salas de aula, em 1953; outros barracões e estábulos serviam como usina de leite, armazém, escritório, etc... A linda casa grande, no fundo, ficou praticamente conservada e foi adaptada para servir de hospital (MISTA AGROPECUÁRIA LTDA, 1991, p. 11).

Diante do que foi referenciado acima Philippsen comenta, durante a entrevista, sobre as experiências vividas pela sua mãe dentro da casa Sede da Fazenda Cancela:

No início foi difícil moravam aqui nesta casa, minha mãe ainda comenta com 19 anos onde ela dormia dentro da casa, todas essas coisas históricas ficaram marcadas e é claro que cada um foi mudando-se para suas casas e com o passar do tempo essa casa começou a servir de pousada para técnicos, agrônomos e professores (PHILIPPSEN, 2012, p. 5).

As imagens são portadoras de um discurso, portanto transmitem ou expressam representações que ficaram registradas alguns anos atrás e

¹⁰ COOPERATIVA, op. cit., p. 6.

¹¹ A nova Colônia no Paraná recebeu o mesmo nome. Enfim, qual é o significado? “Witmar” é um nome frísio que quer dizer o famoso das florestas. “Sun” é um sufixo que significa pomar ou chácara. “Witmarsum”, portanto, seria a “Chácara do Witmar”, a “chácara dos famoso das florestas.” (COOPERATIVA, 1991, p. 8).

que também trazem a informação de um determinado acontecimento. Sobre a importância de se trabalhar com imagens, SANTOS remete:

[...] imagens são, portanto carregadas de importância simbólica. As fotos realizam a mediação entre gerações como transmissoras silenciosas da importância social atribuída à família – como grupo social e aos personagens individuais nas suas representações de gênero – mesmo que não expostas permanentemente à atenção dos observadores, guardadas em gavetas, arquivos ou em acervos, pouco sendo disponibilizadas ao olhar dos espectadores. Elas preservam, mesmo assim, a importância da construção da identidade dos personagens através da memória visual [...] (SANTOS, 2009, 158-159).

Segundo o relato de Philippsen, os menonitas trouxeram consigo alguns bens móveis, equipamentos agrícolas e algumas cabeças de gado, os quais vieram tocados de Santa Catarina para Witmarsum.

Eles tinham um pouco de gado e umas construções. Tinha famílias que desmontavam suas casas, traziam as madeiras para montá-las aqui, claro que bem crua. No início era bem complexa a vida aqui, mas eles tinham essa estrutura da fazenda, tinham os estábulos, essa casa principal onde é o museu e com isso já tinha um lugarzinho para pelo menos começar. Foram se organizando, vendo como iriam dividir as terras. Trouxeram o gado de Santa Catarina a pé, a cavalo tropeando. Meu pai foi um dos que trouxe três léguas de gado de lá para cá, ele tinha vinte e cinco anos, ele veio três vezes com o gado atravessando Campo do Tenente e Porto Amazonas, regiões que os antigos tropeiros sempre faziam quando traziam o gado até aqui (PHILIPPSSEN, 2012, p. 3).

No início os imigrantes menonitas enfrentaram percalços, perderam algumas cabeças de gado devido à ingestão de uma planta tóxica que se encontrava nos campos da fazenda o “miu-miu” e também pela febre aftosa. Com relação ao cultivo das terras eles tentaram com trigo, mas o mesmo não produziu. Tentaram com outra variedade de trigo o sarraceno¹² mas não obtiveram sucesso. A cultura de melancia foi o que mais se desenvolveu no início. Esses imigrantes receberam ainda ajuda financeira para a compra da Fazenda Canela e também para financiamentos de maquinários quando ainda estavam no estado de Santa Catarina.



Fotografia 04 - O destino destas cargas é o Rio de Janeiro, s. d.
Fonte: Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda. Witmarsum em quatro décadas in vier Jahrzehnten 1951-1991. Castro: Kugler, 1991, p. 16.

Segundo a descrição de Philippsen o cultivo de melancia proporcionou aos imigrantes menonitas um desenvolvimento econômico.

Algumas famílias começaram a plantar um pouco de melancia, alguns chegaram a levar caminhões de melancias para as cidades para tentar vender, pois, aqui na colônia não tinha consumidor, então eles trabalhavam unidos e formaram uma espécie de cooperativa com alguns caminhões, as melancias eram levadas para o Rio de Janeiro. Teve um senhor que conta até hoje que dentro de um ano conseguiu comprar uma Kombi. Isso é dinheiro? Então melancia valia.

Traços culturais mantidos pelos imigrantes menonitas

Desde a formação da colônia Witmarsum, em 1951, os imigrantes menonitas mantiveram alguns traços culturais tradicionais, como: a língua materna, o *Plautdietsch*, dialeto alemão originário dos países baixos, o qual foi mantido entre os imigrantes mais antigos da colônia. Essa língua é utilizada pelos menonitas no cotidiano e no ambiente familiar. Geralmente, quem ensina as crianças são as mães, pelo fato de passarem mais tempo em sua companhia. Além do *Plautdietsch*, os imigrantes menonitas aprenderam o *Hochdeutsch* (alemão padrão) ensinado na escola, falado pela maioria dos imigrantes e muito falado no âmbito religioso. O Português também fez parte do cotidiano dos menonitas, mesmo com dificuldades em se expressar. Sobre esse aspecto Koop relata sobre uma viagem de trem, realizada com sua esposa fora do Brasil:

¹² Trigo Sarraceno (*Fagopyrum esculentum*), também chamado de trigo mourisco, é uma planta da família Polygonaceae. Os grãos de trigo sarraceno são comestíveis e parecem-se aos grãos de cereais, [...]. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Trigo_sarraceno. Acesso em: 28 set. 2012.

Fui para a Alemanha visitar minha irmã e visitei também um produtor de leite o qual me questionou como eu falava bem alemão, se você disse que nunca esteve aqui. Respondi que passei aqui quando tinha 10 anos. Mas então você fala alemão? Na escola? Mas como? No trem eu e minha esposa viajamos 15 dias e nós falávamos o nosso dialeto. E aí as pessoas perguntavam para nós: O que vocês estão falando, que língua é essa? Nós somos do Brasil, e eles indagavam do Brasil? Ninguém queria acreditar. Mas como vocês falam tão bem o alemão? Falei para eles o seguinte: em casa falamos o dialeto, na escola e na igreja nós falamos o alemão legítimo e na rua o português (KOOP, 2012, p. 6).

A língua portuguesa foi utilizada na comunicação com os brasileiros, no sentido da assimilação. Sobre a assimilação desses novos imigrantes em uma nova sociedade, SEYFERTH aborda o seguinte:

Os imigrantes, em geral, mantêm uma ligação com cultura e sociedade de origem, por maiores que sejam as pressões no sentido da assimilação. Guardam sempre alguma forma de identificação étnica, por mais que os laços com seus países de origem estejam diluídos. Assim, os fenômenos chamados pelos especialistas de “absorção”, “assimilação” e “aculturação” não impedem a persistência do componente étnico da identidade social dos descendentes de imigrantes, por mais que estes estejam integrados à nova sociedade. Para a maioria deles, a identidade étnica é relevante, e indivíduos com a mesma origem tendem a formar grupos étnicos mais ou menos organizados. Podemos falar em assimilação e aculturação, no sentido de que as culturas originais dos imigrantes foram transformadas no contato com a sociedade brasileira ou que certos valores culturais e ideológicos desapareceram (SEYFERTH, 1990, p. 79)

Sobre a valorização da língua alemã na colônia Witmarsum, Koop destacou:

Meus pais sempre deram valor a língua alemã. A valorização da língua alemã veio com a religião. Nossos antepassados vieram de Dantzig, região vizinha da Alemanha onde havia briga entre a Polônia e a Alemanha por causa da Suíça. Lá falavam alemão, vieram da Holanda, lá falavam um alemão meio misturado. [...] Qualquer coisa para ler vinha na língua alemã. Nas escolas eles tinham liberdade para ler, só uma coisa não podia, pregar a Bíblia para os russos. Muitos condenavam os pais terem aceitado isso. Naquela época eles queriam sobreviver, pois eram perseguidos e decapitados na Suíça. Eu até passei por aqueles rios na Suíça onde amarravam um saco com pedras nas pessoas e as jogavam no rio (KOOP, 2012, p. 6).

A preservação da cultura dos imigrantes menonitas foi enfatizada tanto no âmbito familiar como nos programas escolares servindo como um instrumento básico da língua nesta nova comunidade Witmarsum. Com relação a origem da língua alemã e

italiana no Sul SEYFERTH relata que: “No Sul, por exemplo, entre colonos de origem alemã e italiana ainda se usam dialetos de origem dos imigrantes no dia-a-dia das colônias, e o português, para eles, é a língua utilizada na esfera econômica ou no contato com estranhos” (SEYFERTH, 1990, p. 93)

Em 1951 foi construída na colônia Witmarsum a primeira Igreja Menonita com sua edificação em madeira e estilo europeu.



Fotografia 05 – A Igreja da Colônia Witmarsum, s. d.

Fonte: Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda. Witmarsum em quatro décadas in vier jahrzehnten 1951-1991. Castro: Kugler, 1991, p. 86.

Na parte interna da construção eram realizadas atividades espirituais e cultos em alemão, reuniões semanais, atividades do coral, entre outras. Seus bancos eram rústicos, de madeira, tudo muito simples.



Fotografia 06 – Os menonitas louvam a Deus, s. d.

Fonte: Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda. Witmarsum em quatro décadas in vier jahrzehnten 1951-1991. Castro: Kugler, 1991, p. 92.

Os menonitas realizavam duas formas de batismo, sendo uma realizada em um rio da colônia ao qual eles chamavam de batismo por imersão e a outra realizada dentro da igreja chamada de batismo

por aspersão. Este era um meio de integrar a pessoa à comunidade tornando-se assim um membro da igreja menonita.



Fotografia 07 - Batismo por imersão, s. d.

Fonte: Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda. Witmarsum em quatro décadas in vier Jahrzehnten 1951-1991. Castro: Kugler, 1991, p. 88.

O depoimento prestado por Philippsen refere que não existe preconceito por parte do grupo menonita. Porém, ao analisarmos a fotografia 06, é notável a separação entre homens, mulheres e crianças dentro da Igreja. Ainda assim, é perceptível que, ainda que indicados os aspectos diversos de ramificações menonitas, a questão religiosa serve na colônia Witmarsum como um forte elemento agregador da comunidade.

Durante o depoimento, Philippsen relata outros aspectos ligados a religião:

Na própria colônia foi mudando a situação de grupo étnico religioso mais fechado pela própria globalização abrindo para o nosso povo como é aqui. Há uma mudança gradativa aumentando cada vez mais o elemento de fora para dentro da comunidade menonita, porque o menonita está saindo. Há uma mudança e nos últimos anos relativamente rápida. No início, na área religiosa era uma igreja menonita, como tinha vários membros de outra denominação menonita que são duas paralelas não demorou muito tempo já foi criada a segunda igreja menonita. Tinha duas para o pessoal de fora, isso é um absurdo. Menonita não é tudo igual? Não, não é. No mundo tem mais de 30 ramificações diferentes, então são todos subramificações evangélicas, mas com alguns detalhes diferentes e assim nós temos aqui também. [...] nós menonitas não somos discriminativos quando o assunto é religião. Às vezes um ou outro fato pode ser questionado, em todo lugar é assim, mas como comunidade menonita não. Porque a idéia

principal menonita sempre foi separar o Estado da Igreja e pregar a “Liberdade Religiosa”. Você acredita naquilo que você quer. Você é livre não pode ser imposto por um Estado ou por um governo ou até mesmo pela família. A pessoa tem que chegar a uma conclusão do que ela quer acreditar e isso nós temos, é um dos princípios base dos menonitas. Jamais vamos restringir alguém vir aqui para a colônia (PHILIPPSSEN, 2012, p. 8-9).

Quando os imigrantes menonitas fundaram a colônia Witmarsum no Paraná, estavam divididos em duas congregações religiosas a Igreja Evangélica Livre e a Igreja Menonita. A respeito dessas duas congregações MINICH enfatiza:

Desde a fundação da Colônia, em 1951, as primeiras duas denominações ali existiram e cooperaram intimamente, realizando mesmo, em conjunto, os seus cultos religiosos, a escola dominical e as atividades e organizações femininas. Não havia, pois, no início da Colônia, uma Igreja Irmãos Menonitas. Dentro da Igreja Menonita Evangélica Livre que é uma denominação conciliadora entre a Igreja Menonita e a Igreja Irmãos Menonitas, havia muitas pessoas que anteriormente haviam sido membros da Igreja Irmãos Menonitas. Por motivos pessoais e por causa de conflitos religiosos, na antiga Witmarsum, em Santa Catarina, tais pessoas se haviam reunido sob aquela denominação conciliadora antes de chegarem ao Paraná (MINICH, p. 158-159).

Na igreja também funcionou a primeira escola onde as meninas aprendiam a costurar e a confeccionar artesanatos, atividades essas que lhes auxiliariam nas atividades domésticas. “A vida religiosa e social em Witmarsum quase se fundem e, dessa maneira, a Igreja é o alicerce para a união e a perseverança dos witmarsunenses, principalmente nos tempos difíceis” (COOPERATIVA, 1991, p. 84).

A comunidade menonita sempre se esforçou em compartilhar a fé cristã. Vieram do estado de Santa Catarina para o Paraná em busca de melhores condições de vida. Preservaram suas características étnicas as quais se diferenciavam das demais comunidades, tendo como objetivo manter sua cultura de origem. Procuraram “comunidades rurais, longe das tentações da vida urbana, em conformidade com os princípios da sua religião” (MINICH, p. 179).

Sobre a cultura mantida pelos imigrantes SEYFERTH afirma que:

Traços marcantes das culturas originárias dos imigrantes foram mantidos ao longo das gerações, principalmente os dialetos e línguas de origem, certos hábitos alimentares, a intensidade da fé expressa num grande número de vocações religiosas, especialmente na população rural, entre outras coisas (SEYFERTH, 1990, p. 57).

Enfim, alguns traços originais da cultura alemã serviram de instrumento básico para a preservação do grupo. A língua alemã também serviu como uma espécie de veículo de interação para que os menonitas da colônia Witmarsum pudessem manter relações com comunidades menonitas do Brasil e de outros países.

Considerações finais

Discutindo cultura, desenvolvimento, economia, imigração, história regional, afirmamos que a colonização da colônia Witmarsum teve objetivos e desfechos como todos os processos migratórios. Evidenciamos assim que os imigrantes menonitas, mesmo enfrentando dificuldades em outro estado (Santa Catarina), não desistiram de conquistar seu espaço saindo em busca de novas terras. Devido às dificuldades relacionadas ao clima e as terras acidentadas, não conseguiram conquistar o desenvolvimento pelo qual almejavam. Os motivos religiosos também fizeram parte dessas dificuldades. Sendo assim em 1951, adquiriram a fazenda Cancela na região de Palmeira, iniciando uma nova colonização. Em seus relatos ressaltam o trabalho em grupo e que estavam sempre resolvidos a tentar um novo começo, fato este presente no depoimento de um descendente de imigrantes:

Demorou muito para haver desenvolvimento na região. As pessoas nos contam, eu não sou daquela época, mas é interessante quando a gente houve, sente um pouco de orgulho e às vezes pena, porque os nossos antepassados foram migrando de um país para o outro. Levavam desenvolvimento e iam embora, isso é bem histórico. Quando a situação era difícil estavam bem unidos e conseguiam progredir rapidamente, ficavam tranquilos e migravam novamente. É bem interessante, eu estudo bastante história e a gente nota estas tendências. Nós somos de certa forma um povo colonizador, abertura de fronteiras e depois quando a situação fica bem, nós nos perguntamos e agora? Parece que a gente precisa de algo assim, iniciar (PHILIPPSEN, 2012, p. 8).

Aos poucos essas famílias construíram suas casas em madeira, muitas das quais trazidas de Santa Catarina. Na área econômica a plantação que mais se desenvolveu no início foi o cultivo de melancia. Chegaram a enviar cargas para o estado do Rio de Janeiro. Foi com o sucesso do cultivo desta fruta que os imigrantes menonitas puderam investir em máquinas agrícolas.

Observe-se também que a colônia Witmar-

sum constitui uma comunidade trilingüe, na qual predominam os idiomas *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e o Português. O uso cotidiano do idioma alemão contribuiu para que fossem mantidos alguns dos elementos culturais europeus da comunidade de Witmarsum. Contudo, além da língua, fica evidente que a religião proporcionou outro dos fatores marcantes da formação da colônia.

Referências

ALBERTI, V. Indivíduo e biografia na história oral. Rio de Janeiro: **Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea do Brasil - CPDOC/FGV**, 2000. p. 1-5. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: 27 ago. 2012.

_____. Biografia dos avós: uma experiência de pesquisa no ensino médio. Rio de Janeiro: **Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea do Brasil - CPDOC/ FGV**, 2006. p. 1-10. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: 27 ago. 2012.

BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P. (orgs) et al. **Campos Gerais: Estruturas Agrárias**. Curitiba, 1968. 268p.

COOPERATIVA MISTA AGROPECUÁRIA LTDA. **Witmarsum: Em Quatro Décadas In Vier Jahrzehnten 1951-1991**. Castro: Kugler Artes Gráficas Ltda, 1991. 138p.

DUCK, E. S. Witmarsum, **Uma Comunidade Trilingüe: Plautdietsch, Hochdeutsch e Português**. 2005, Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, Curso de Pós Graduação em Letras Linguísticas. Universidade Estadual Do Paraná, Curitiba, 2005.p. 18. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/2981/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Elvine%20Siemens%20Duck.pdf?sequence=1>. Acesso em 05 out. 2012.

FERREIRA, M. de M. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. In: **INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Casa Oswaldo Cruz, vol. 1, 1998, p. 1-14.

GOMES, Â. de C. A guardiã da memória. **Acervo:**

Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 1/2, jan/dez. 1996, p. 1-15.

GREGORY, V. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: Migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)**. Cascavel: Ed. Edunioeste, 2008. 264 p.

HANSEATISCHE KOLONISATIONSGESELLSCHAFT. **Die Hanseatischen Kolonien im Staate Santa Catharina, Brasilien**, zur Auskunfterteilung an Auswanderungslustige. Veröffentlichung der Hanseatischen Kolonisations-Gesellschaft. Hamburg, Bremen, 1927. 19 p. illus.

KREMER, C.; FILHO L. **Witmarsum: a epopéia dos menonitas**. Boletim informativo FAEP. Setembro, 2010, n. 1113. p. 2-9.

MACHADO, W. et al. **Paraná Espaço e Memória: Diversos Olhares Histórico-Geográficos**. Curitiba: Ed. Bagozi, 2005. 408p.

PESAVENTO, S. J. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Revista Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**, Debates 2006. Dossiê História Cultural do Brasil. p. 1-9. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1499>. Acesso em: 27 ago. 2012.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 1-15.

SANTOS, F. L. A mulher nas fotografias de grupos familiares na cidade de Ponta Grossa, 1910-1940. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol. 14, n. 1, Verão, 2009, p. 146-167.

SEYFERTH, G. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1990. 103 p.

WITMARSUM 50 anos no Paraná. A História da Colônia: A Atuação Menonita os Pioneiros. Homenagem das Concessionárias de Rodovias Integradas S/A. Setembro. 2001. p. 1-20.

Grasiele Kapp Ewert; Samanta Hass Karas. Palmeira – Colônia Witmarsum, 2012. p. 1-6.

PHILIPPSEN, H. E. **A Imigração Menonita na Colônia Witmarsum: A Formação da Colônia Witmarsum a Partir de 1951**. [Ago. 2012]. Entrevistadores: Grasiele Kapp Ewert; Samanta Hass Karas. Palmeira – Colônia Witmarsum, 2012, p. 1-13.

Entrevistas orais

KOOP, W. **A Imigração Menonita na Colônia Witmarsum: A Formação da Colônia Witmarsum a Partir de 1951**. [Jul. 2012]. Entrevistadores: